

Com Dornbusch

Dá tempo, não dá tempo

PARA CRÍTICOS, REAL VALORIZADO E JUROS ALTOS LEVARÃO A UMA CRISE NAS CONTAS EXTERNAS, ANTES DAS REFORMAS

CARLOS ALBERTO SARDEMBERG

O debate econômico no Brasil produz hoje mais barulho do que divergências efetivas. É normal que seja assim: o barulho faz parte do debate democrático e nunca foi tão aberta a discussão em torno de política econômica.

A redução do grau das divergências decorre da estabilidade. Só existe campo para propostas heróicas, como os programas de estabilização, incluindo aí o Plano Real, quando há grave instabilidade e é preciso aplicar mudanças radicais.

Dada a estabilidade, porém, o debate se faz a partir de um consenso básico, divergindo-se acerca de nuances ou prioridades dentro de um mesmo elenco de políticas.

No Brasil, ainda existe uma divergência pré-consenso, cada vez mais irrelevante, e divergências pós-consenso, importantes. O consenso, claro, está nos fundamentos do Plano Real — busca da inflação zero, prevelência do mercado aberto, controle das contas públicas, privatizações, equilíbrio das contas externas.

A divergência pré fica por conta daqueles que consideram o Plano Real mais uma conspiração do chamado "neoliberalismo", cujo objetivo seria submeter as nações e os povos à tirania do capital financeiro internacional. A tese suspeita que o sistema inevitavelmente produzirá multidões de excluídos pelo mundo afora, terminando numa explosão social.

Por ideologia ou oportunismo, essa tese coloca lado a lado personagens tão distantes entre si quanto Lula, Roberto Recaio, Orestes Quercia.

Só por aí já se poderia concluir pela inconsistência da análise. Mas há ainda outros dois

ESTADO DE SÃO PAULO

30 AGO 1997



motivos: primeiro, os maiores problemas sociais, como o desemprego, ocorrem nos países atrasados nas reformas liberais (como França e Alemanha), e não naqueles que as completaram (Inglaterra); e, segundo, a tese da conspiração neoliberal não consegue produzir uma proposta alternativa de governo.

É a razão pela qual as oposições de esquerda, em diversos países, estão mudando para o campo da pós-reforma. Na Argentina, a centrista União Cívica Radical fez uma frente com o Frepaso, de esquerda, e a pri-

meira providência foi anunciar que, chegando ao governo, essa frente não vai mexer na política cambial, não vai bloquear ou reverter privatizações, nem desmontar os controles das contas públicas.

Malan não diz, mas Francisco Lopes, já admitiu que a política atual promove uma lenta desvalorização da moeda nacional

Toma, assim, o mesmo caminho que levou o trabalhista Tony Blair ao governo inglês: manter os fundamentos do regime — liberal, de mercado, como queiram — e propor mais ênfase, por exemplo, em investimentos sociais, educação especialmente.

E aqui aparece o segundo grau das divergências, as mais interessantes porque

viáveis. Podem ser alternativas de governo.

No Brasil, hoje, como a estabilidade é precária, pois as reformas ainda não foram concluídas, a divergência mais interessante está numa questão de tempo: para a equipe econômica do Real, é possível manter a atual combinação de real valorizado e juros altos enquanto se fazem as reformas que propiciam o ajuste das contas públicas e os ganhos de eficiência do conjunto da economia. Aí, então, seria possível mudar a política cambial, sem traumas maiores.

Para os críticos, não vai dar tempo. Real valorizado e juros altos levam a uma crise nas contas externas, antes que se façam as reformas. Ou seja, seria preciso enfrentar já o problema de desvalorizar o real. Rudger Dornbusch é que expõe melhor essa tese.

E para ficar nos gurus americanos, Albert Fishlow fica com a tese mais próxima de seu ex-aluno Pedro Malan.

Mas Fishlow concorda que o real está valorizado. Malan e a equipe econômica não dizem isso, mas outro dia o diretor do BC Francisco Lopes disse que a política atual promove uma lenta desvalorização do real. Então, está valorizado.

E todos, Dornbusch, Malan, Fishlow, Fernão Bracher, José Serra, Gustavo Franco, concordam que é essencial ajustar as contas públicas, avançar nas privatizações, aumentar as exportações, elevar a poupança interna.

Estamos, pois, numa aposta. Dá tempo, não dá tempo. Por isso é que é preciso olhar toda semana os indicadores básicos. Não é caso de vida ou morte, mas há emoções.

■ Carlos Alberto Sardemberg é jornalista